



A LINGUAGEM CORPORAL COMO MECANISMO DE PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DE RESILIÊNCIA PROFISSIONAL

Ângela Adriane Schmidt Bersch¹
Maria Angela Mattar Yunes²

Resumo

O estudo apresenta o desenho de um programa de intervenção que objetivou proporcionar uma formação continuada de educadores sociais que atuam numa instituição de acolhimento governamental, tendo como foco os mecanismos de proteção para a promoção da resiliência profissional. O modelo metodológico experiencial balizou a formação de 10 educadores sociais e foi organizado em 4 módulos de 14 sessões. A tônica das atividades foi planejada com base na linguagem corporal, em atividades lúdicas e dinâmicas de discussão. O potencial dessa proposta de intervenção se destaca pelo direcionamento e oportunidade de identificar os fatores de risco e transformá-los em fatores de proteção potencializando o papel dos trabalhadores como educadores sociais e da resiliência profissional em contexto de risco.

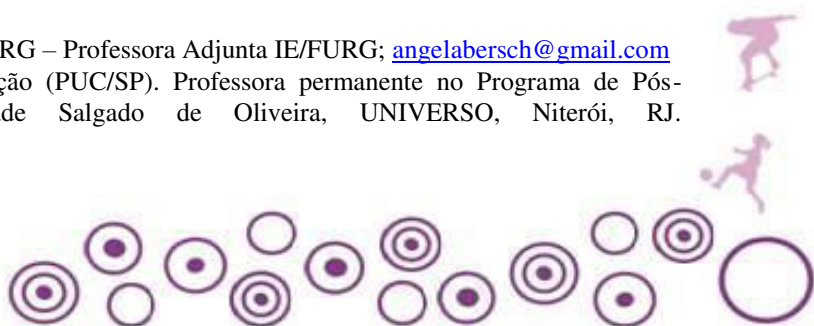
Palavras Chave: Resiliência. Linguagem corporal. Formação.


Introdução

Evidencia-se neste artigo o desenho de um programa de formação de educadores sociais que utiliza a linguagem corporal como tônica nas interações dialógicas. A contribuição da linguagem corporal como promotora de mecanismos de resiliência em situações individuais caracterizadas pela percepção subjetiva de riscos será apresentada neste texto, por meio do desenho de um Programa de intervenção. Este foi aplicado a educadores sociais que atuam numa instituição de acolhimento governamental num município do sul do Rio Grande do Sul. As sessões foram organizadas e desenvolvidas a partir da metodologia experiencial, que aliaram a linguagem corporal como mecanismo de proteção para a promoção da resiliência profissional. O objetivo do programa com foco nos educadores sociais foi o de promover a resiliência profissional por meio do olhar Bioecológico (BRONFENBRENNER, 2011) sobre as relações e interações no intuito de melhorar a qualidade das relações no ambiente da instituição de acolhimento.

¹ Doutora em Educação Ambiental - PPGEA/FURG – Professora Adjunta IE/FURG; angelabersch@gmail.com

² Doutora em Educação: Psicologia da Educação (PUC/SP). Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói, RJ. mamyunes@yahoo.com.br





Numa tentativa de síntese, podemos afirmar que a resiliência se refere a processos que produzem respostas positivas, exitosas e prospectivas em indivíduos, grupos ou comunidades. Tais respostas emergem diante de crises, desafios e dificuldades, de forma a resultar em superação de situações adversas, evolução e fortalecimento pessoal, após vivências de experiências negativas e sofridas. Sendo assim, a resiliência não se relaciona a um estado de felicidade ou euforia, nem tampouco de apatia ou acomodação passiva. Portanto, tem mais relação com as aprendizagens e competências adquiridas a partir das relações e interações positivas entre o indivíduo, seus pares e demais elementos do contexto em que está inserido (YUNES, 2015).

As crises institucionais podem exercer um poder destrutivo na autoconfiança dos educadores sociais e, por consequência, atingir profundamente aqueles que vivem em instituições (CAPUL; LEMAY, 2003), no caso desse estudo, as crianças e adolescentes. Esses acontecimentos podem causar cicatrizes que desestabilizam a equipe. Por outro lado, assim como resiliência familiar está relacionada a processos que possibilitam as famílias a saírem fortalecidas em situações de crise ou estresse crônico, acionando os processos chave (WALSH, 2005; YUNES, 2015), pode-se fazer a mesma analogia com processos de resiliência a serem ativados em contexto profissional de risco. Para tanto, é preciso lançar mão de estratégias que possam possibilitar e promover tais processos chave, como por exemplo, um Programa de formação.

Metodologia

A equipe do Centro de Referências em Atenção às Famílias (CRAF)³ proporcionou em 2016 um Programa de Formação de educadores sociais e equipe técnica, para profissionais que atuavam em uma instituição de acolhimento do município do Sul do RS. A título de clarificar a proposta, na sequência, em uma tabela, apresentamos a estrutura do Programa de Formação com os módulos e as sessões.

³ CRAF – Centro de Referência em Apoio às Famílias é um núcleo de estudos, ensino e intervenções vinculado ao curso de direito da Universidade Federal do Rio Grande - FURG

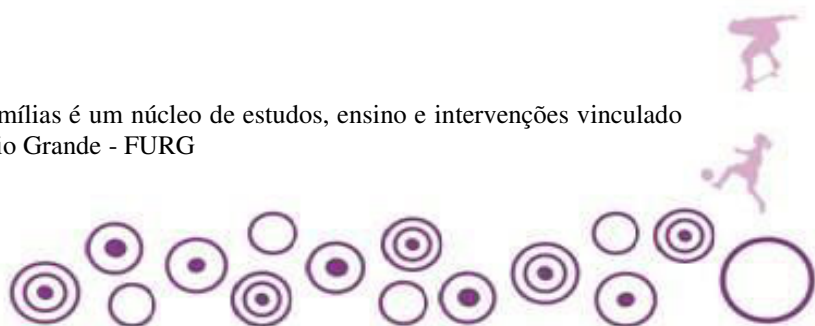



Tabela 1: Programa de Formação de educadores sociais e equipe técnica

Módulos	Sessão Zero
Módulo 1: Os Processos Proximais nas relações dos educadores sociais	Sessão 1 – Desmistificando crenças: acolhimento e o estabelecimento de vínculos.
	Sessão 2 – Práticas Inclusivas: a sensibilidade do Educador Social frente às necessidades da criança e do adolescente.
	Sessão 3 – Os conflitos e as conseqüências no desenvolvimento humano.
Módulo 2: Mediação de conflitos e reflexões sobre os princípios para o cuidado	Sessão 1 – O conflito como uma oportunidade de evolução do profissional e de promoção de fatores protetivos para a criança e o adolescente
	Sessão 2 – A comunicação nas inter-relações: reflexões sobre regras e limites para as crianças e os adolescentes
	Sessão 3 – As Tecnologias: possibilidades e limites
Módulo 3: Diálogo protetivo no ambiente institucional	Sessão 1 – Práticas educativas afetivas e seu impacto no desenvolvimento humano
	Sessão 2 - Sexualidade, Gênero e Diversidade
	Sessão 3 – Atividade prática - Diálogo e interação entre/com as crianças, os adolescentes e os Educador Social
Módulo 4: (Re) conhecendo os “nós” da rede social	Sessão 1 – Descobrimo a rede e sua importância para a criança e adolescente.
	Sessão 2 – A relação da instituição de acolhimento com a escola.
	Sessão 3 – Tecendo Possibilidades nas inter relações
	Encerramento

Fonte: organizada pela equipe do CRAF

Cada sessão foi composta por: a) 1ª atividade: impessoal (20min); b) 2ª atividade: pessoal (20min); c) 3ª atividade: estratégias – Linguagem corporal (30min); d) 4ª atividade: Linguagem corporal de sensibilização relacional (20min); e) 5ª atividade: feedback e





compromisso pessoal (10min). Tal organização permite envolver o participante de forma gradativa e facilitar a exposição de suas ideias em duplas, em pequenos ou no grande grupo. O tempo informado é aproximado.


Resultados e Discussões – O desenho e a realização do Programa a várias “mãos”

O modelo experiencial tem como premissa o diálogo e a escuta (MARTÍN *et al.*, 2009). Ouvir o relato do colega e refletir sobre a experiência dele pode ser uma estratégia para empoderar o profissional. Isso o encoraja a enfrentar situações adversas semelhantes ou oportuniza um repertório de conhecimento para enfrentamentos futuros. Remete-se assim a uma postura solidária e empática, de se colocar no lugar do outro e tentar compreender o que o outro sentiu. O diálogo, a escuta e a vivência de situações que tragam à tona dificuldades pessoais em um espaço seguro e orientado para tal finalidade pode representar a possibilidade de passar de uma condição passiva frente às situações adversas para outra ativa. Nessa nova condição, a pessoa passa a operar os sentimentos, emoções e transformá-los em mecanismos de proteção edificantes fundamentais para os aspectos da resiliência profissional. Fato que coaduna com os processos proximais propostos por Bronfenbrenner (2011) e é potente em termos de resiliência profissional.

Um dos propósitos da Formação dos educadores sociais foi mobilizar os profissionais a (des)construírem e (re)significarem (in)certezas, (pré) conceitos, valores, princípios, atitudes, posturas, crenças já cristalizadas e promover o diálogo para fortalecer o grupo no que tange a práticas positivas e protetivas junto aos residentes – crianças e adolescentes em situação de acolhimento. O trabalho foi inspirado nos estudos de Walsh (2005), que aponta alguns processos norteadores da resiliência familiar que julgamos aplicáveis ao contexto das instituições de acolhimento. São eles: padrões de organização; sistemas de crenças e valores; processos de comunicação. Os processos chave e dimensões, apontados por Walsh, descrevem elementos e indicadores que possibilitam ao indivíduo lutar e enfrentar os obstáculos, bem como seguir a vida com mais amor e afeto e amplificar estes sentimentos aos que lhe cercam.

Os fatores de risco que apontaremos fazem parte do cotidiano destes profissionais e se referem ao microsistema instituição de acolhimento: imprevisibilidade, falta de apoio, dificuldade na comunicação, deficiência na unidade, insuficiência do trabalho em equipe, falta de coesão de princípios, valores, objetivos. O ambiente institucional é vulnerável, instável, imprevisível e, para que seja um ambiente de proteção e de desenvolvimento positivo e protetivo, requer dos profissionais improviso, flexibilidade, iniciativa e otimismo. O





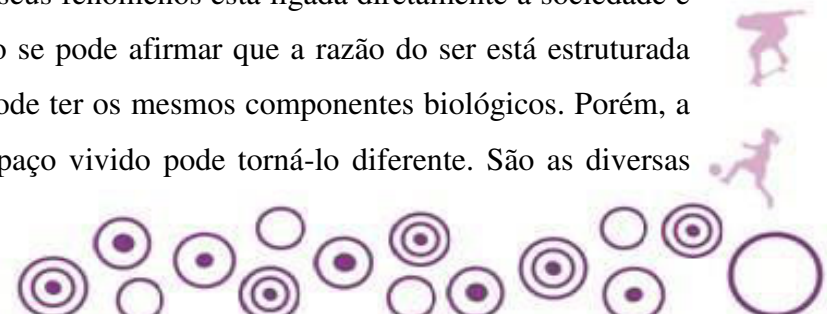
Programa de formação que se utiliza da dialogicidade, da linguagem corporal, da metodologia experiencial pode potencializar estes aspectos fortalecedores promovendo a resiliência profissional o que vai melhorar a qualidade do ambiente de trabalho e, por conseguinte, refletir nas interações positivas dos profissionais e dos residentes.


No contexto da instituição, ao analisarmos com as “lentes” das emoções, as adversidades são diversas: conflitos e enfrentamentos entre os profissionais e destes com as crianças e os adolescentes; lentidão nos atendimentos relacionados à saúde; famílias ausentes; sentimentos de abandono; histórias de vulnerabilidade; rebeliões, precariedade na comunicação da rede – que deveria ser - de proteção, desvalorização profissional, etc. Contudo, não significa de forma alguma que são insuperáveis. Pelo contrário, a quantidade e variabilidade das adversidades podem significar o fortalecimento dos mecanismos promotores da resiliência.

Cada adversidade superada pode significar mais solidez nas inter-relações e fortalecimento para o enfrentamento da próxima situação adversa. A superação ou a fragilidade da pessoa diante das situações vai depender muito mais das estratégias utilizadas para o enfrentamento do que da qualidade ou quantidades de adversidades. A linguagem corporal, neste sentido, tem papel importante, visto que é ao mesmo tempo um meio de comunicação com o outro e de percepção deste outro. Por exemplo, pela expressão facial ou postura corporal podemos ter fortes indícios de como está o nosso colega e expressar sentimentos a ele. Para tal leitura é preciso treinar o olhar e a compressão deste precioso canal de comunicação.

É pelo corpo que o ser humano adquire consciência do mundo e de si mesmo: percepção da objetividade e da subjetividade. O corpo é, portanto, o organismo de relação e reflexão sobre o ambiente e sobre si próprio, é a expressão da corporeidade. A percepção explica Merleau-Ponty (1994), pode ser considerada uma “porta aberta a vários horizontes”. Contudo, esta “porta” é “giratória”, e quando se visualiza uma das faces a outra estará oculta. Portanto, a face que se mostra ou a percepção que tenho de uma determinada situação, circunstância ou objetivo vai ser influenciada pelas emoções do momento, pelos dados da cultura, de experiência anteriores e do movimento. Ideias que concatenam com a teoria Bioecológica (BRONFENBRENNER, 2011).

A forma de perceber o mundo e seus fenômenos está ligada diretamente à sociedade e à cultura. Por meio desta percepção não se pode afirmar que a razão do ser está estruturada biologicamente, uma vez que o corpo pode ter os mesmos componentes biológicos. Porém, a percepção de mundo através do seu espaço vivido pode torná-lo diferente. São as diversas





influências dos distintos ambientes que constituem o sujeito, para além da sua bagagem genética. Assim, a percepção, mediante a corporeidade, também é social e culturalmente modelada, porque a corporeidade entende que o ser humano é um ser único, estruturado por meio de suas vivências (MERLEAU-PONTY, 1994).

Estas compreensões eram latentes no decorrer do planejamento do Programa de formação, visto que os participantes são oriundos de diferentes contextos sociais, distintas experiências profissionais anteriores, diversas formações e faixa etária. Reiteramos que são elementos do modelo PPTC de Bronfenbrenner (2011) que precisam ser considerados e analisados. A partir da análise dos processos proximais constituintes e constituídos no contexto de investigação constatou-se que um dos aspectos mais dolorosos para os profissionais era conhecer a história das crianças e dos adolescentes motivadora do seu acolhimento.

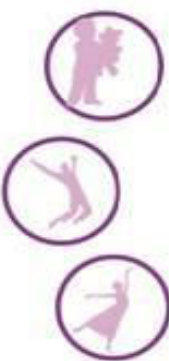
Considerações Finais

A linguagem corporal aliada ao método experiencial se tornou um mecanismo de proteção para solidificar vínculos e promover resiliência profissional em situações de risco. A linguagem corporal foi identificada pelos educadores sociais como uma possibilidade de estreitar vínculos inter-pessoais entre os profissionais e destes com os residentes. Estas estratégias concatenadas em um Programa de Formação privilegiaram as vivências cooperativas, o diálogo, a troca de experiência, o (re)agir sobre seus dilemas internos e conflitos, sendo aliadas nas possibilidades de trazer processos de resiliência pela via corporal.

A resiliência profissional é a expressão da pessoa em enfrentar uma circunstância, um acontecimento, um conflito ou um fato adverso, em que é exposta a uma situação de vulnerabilidade ou de risco no seu ambiente de trabalho ou relacionada a ele e poderá superar de forma a transformar esse episódio em fator de proteção. Para aumentar as possibilidades de êxito nessa tarefa, são necessários alguns processos chave (Sistemas de Crenças; Sistemas de Organização; Padrões de comunicação) e mecanismos (Linguagem corporal, coesão, apoio de um ou mais colegas, trabalho em equipe; positividade, humor positivo), sendo fundamentais no contexto de trabalho.

A vivência de conflitos e adversidades pode representar a construção de um vocabulário protetivo e que influenciará de forma positiva nas adversidades vindouras. As percepções e introjeções dos impactos das adversidades são individuais, no entanto, podem ser potencializadas quando divididas, compartilhadas ou vividas em um grupo, como em um contexto de trabalho. Com a aplicação do programa de formação foi possível identificar os





fatores de risco no contexto das instituições de acolhimento e, cooperativamente os educadores sociais puderam transformar em fatores de proteção e promover a resiliência profissional. Esse exercício de averiguar com os atores sociais do ambiente as dificuldades e as fragilidades do papel foi fundamental para a (re)construção coletiva e fortalecimento de potencialidades.

Referências

- BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Tradução André de Carvalho-Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CAPUL, M.; LEMAY, M. **Da Educação à Intervenção Social**. Porto: Porto Editora, 2003. 1. v.
- MARTÍN, J. C.; MÁIQUEZ, M. L.; RODRIGO, M. J.; BYRNE, S.; RODRIGUEZ, B. R.; RODRÍGUEZ, G. Programas de educación parental. **Intervención Psicosocial**, v. 18, n.2, p. 121-133, 2009.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WALSH, F. **Fortalecendo a resiliência familiar**. São Paulo, SP: Roca, 2005.
- YUNES, M. A. M. Dimensões conceituais da resiliência e suas interfaces com risco e proteção. In: MURTA, S.G.; FRANÇA, C.L.; BRITO, K.; POLEJACK, L. (Org.). **Prevenção e Promoção em Saúde Mental: Fundamentos, Planejamento e Estratégias de Intervenção**. 1ª ed. Novo Hamburgo: Synopisis, 2015. p. 93-112.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

